A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ACARAPE-CE

Silmara Peixoto Moreira [1], Wilame da Silva Lima [2], Luma Nogueira de Andrade [3]

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo identificar como se estabelece, em escolas da Educação Básica do município de Acarape – CE, a relação de poder em torno das sexualidades. Evidencia-se a análise do cotidiano e sociabilidade na escola. Pretendemos responder questões como: A diversidade sexual está contemplada no Currículo Oficial, Currículo Oculto, nos documentos de gestão (Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico- PPP, Plano de Desenvolvimento da Escola PDE, Calendário Escolar), nos livros didáticos, nas normas e nas formações dos profissionais da educação? Como ocorre? Existe na escola alunos/as que se identificam como gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais ou outras formas? Como se estabelece a sociabilidade destes no espaço escolar? Como se sentem na escola? Quais os problemas que enfrentam ou enfrentaram? Desenvolveremos uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico fazendo uso da observação participante, diário de campo, questionário e entrevista. Estabelecemos neste estudo um diálogo com autores como Foucault (1994;1993), Certeau (1994), Louro (1998; 1997) e Geertz (1997).

Palavras-chave:

Sexualidades. Escolas. Poder.

[1] UNILAB, IHL, Discente, e-mail: lanaisilmara@gmail.com
[2] UNILAB, IHL, Discente, e-mail: wlmlm8123@gmail.com
[3] UNILAB, IHL, Docente, e-mail: luma.andrade@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O trabalho parte de uma perspectiva feminista, pós-estruturalista e Queer, cujo lugar da investigação foi à escola. Segundo Louro (1997), a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que pode ser desligado ou algo do qual pode se despir. É inaceitável, portanto, que a escola mantenha um relacionamento com os diferentes sobre o domínio do mítico, do inatingível, do utópico, do normatizador, do inquisitorial. Em pesquisas realizadas, como a de Abramovay (2004), em 14 capitais brasileiras com 16.422 estudantes de escolas públicas e privadas, 3.099 professores (as) e 4.532 mães e pais dos(as) estudantes, os resultados indicaram, entre outros tópicos, que cerca de 27% dos(as) estudantes não gostariam, por exemplo, de ter um(a) colega de classe homossexual, 60% dos(as) professores(as) não sabem como abordar a questão em sala de aula, 35% dos pais e mães não apoiam que os(as) filhos(as) estudem no mesmo local que gays e lésbicas e 49% dos estudantes masculinos disseram que homens que têm relações sexuais com outros homens são doentes.
Considerando ainda o resultado da pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas FIPE em 2009 sobre preconceito nas escolas, foi identificado que 99,9% dos entrevistados desejam manter distância de algum grupo social. Os deficientes mentais são os que sofrem maior preconceito, com 98,9% das pessoas com algum nível de distância social, seguidos pelos homossexuais (98,5%), ciganos (97,3%), deficientes físicos (96,2%), índios (95,3%), pobres (94,9%), moradores da periferia ou de favelas (94,6%), moradores da área rural (91,1%) e negros (90,9%). Nas duas pesquisas realizadas no ambiente escolar, ficou explícita a presença da homofobia na escola.

METODOLOGIA

O campo é o lugar onde encontraremos as respostas que buscamos e desvendaremos a realidade local. No contexto do estudo das diferenças com base na antropologia, apenas no campo de pesquisa é possível confrontar os conhecimentos teóricos com o dos nativos, promovendo um feedback entre pesquisa e teoria.

Ciente de seus limites, mas atento à observação participante, o/a pesquisador/a deve ter conhecimento de que ao entrar no campo para realizar um estudo de caráter etnográfico sua presença pode modificar a rotina do grupo, pois ele não é apenas observador, mas também observado. Com o método etnográfico será possível detectar o olhar externo de gestores (as), professores(as) e alunos(as) para com sexualidades não hegemônicas, e o interno proferido pelos/as LGBTTI através de entrevistas, ambos possibilitam elucidar o currículo oculto. A análise dos documentos da gestão escolar, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Regimento Escolar (RE), Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), Calendário Escolar, livro didático e o currículo oficial, permite conhecer as normas das escolas, o que é permitido ensinar, os conhecimentos priorizados, os princípios e valores disseminados oficialmente no cotidiano escolar. Além dos questionários e da análise documental, a entrevista em profundidade será uma técnica do método qualitativo utilizada com autorização por escrito dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvemos a pesquisa na Escola de Ensino Médio e Integral Maria do Carmo Bezerra, esta constitui-se uma das escolas mais antigas do Município de Acarape. Sua história se inicia em 1956 com “A Escola Reunidas de Acarape” e nos dias de hoje, aos 61 anos de sua história, oferta o Ensino Médio para os jovens acarapenses. A inauguração foi em 30 de abril de 1968 – data magna para a História Sócio Educacional de Acarape. Foi constituída escola de 1º grau Maria do Carmo Bezerra – conforme o decreto n°11.493, publicado no diário oficial do estado, de 30/10/75. E posteriormente Escola de Ensino Fundamental e Médio

Maria do Carmo Bezerra - Decreto n° 26.292, de 30 de julho de 2001. Implantação do Ensino Médio - de acordo com a lei n°9394 de 20.12.96. Atualmente a escola é apenas de Ensino Médio.

1. Relações de Gênero e Sexualidade na escola Maria do Carmo Bezerra

A diversidade sexual e de gênero está contemplada no Currículo Oficial, Currículo Oculto, nos documentos de gestão (Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico- PPP, Plano de Desenvolvimento da Escola PDE, Calendário Escolar), nos livros didáticos, nas normas e nas formações dos profissionais da educação? Como ocorre? Existe na escola alunos/as que se identificam como gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais ou outras formas? Como se estabelece a sociabilidade destes no espaço escolar? Como se sentem na escola? Quais os problemas que enfrentam ou enfrentaram?

• Análise dos Livros Didáticos de Sociologia

Dos 8 livros analisados apenas 2 abordavam de fato o tema da diversidade sexual, porém esses livros não eram utilizados em sala de aula. O livro trabalhado nos anos de 2015 a 2017 foi "Tempos modernos, tempos de sociologia", que apesar de abordar questões de gênero, classe e relação de poder não adentravam na diversidade sexual. O livro escolhido para trabalhar de 2018 a 2020 foi "Sociologia hoje: ensino médio", este não aborda nem questões de gênero e nem questões de sexualidade. Vale mencionar que o livro de sociologia é um volume único, além disso, não obtivemos o cronograma dos conteúdos dos/as alunos/as do 1º ano. O livro que ficou como segunda opção contemplava as questões da diversidade de gênero e sexual, porém não foi escolhido na votação.

• Entrevista

Foi constado pelas entrevistas com estudantes que o conteúdo de Gênero e Sexualidade apesar de aparentemente está contigo no conteúdo programático da disciplina, mas na realidade não é dado em sala de aula.

CONCLUSÕES

Recentemente houve a exclusão de gênero e sexualidade na escola do Plano Nacional de Educação (PNE), embora sancionado em 2014 pela presidente Dilma Rousseff, as cidades e Estados tinham até 26 de junho de 2015 para implementar seus próprios planos, no entanto estes, também foram vetados nas cidades e estados. Diante disso, as escolas continuam sendo campos de reproduções de violências que deveriam ser combatidas com intervenções educacionais. Diante desses empecilhos, ficou mais difícil para os professores e as professoras desenvolverem estratégias de combate às violências e desigualdades se o próprio currículo além de excluir essas questões é criado leis nacionais como a "Escola Sem Partido", que vem silenciar o papel político e social de nós educadores/as e professores/as na escola. Sem o Plano Nacional de Ensino que inclua as questões de Gênero e Sexualidade, as escolas não são pressionadas a implementarem, e assim, não conseguimos construir e colocar em prática formas de combater essas violências. O Projeto Político Pedagógico- PPP que contemple esse conhecimento também é preciso, porém raras gestões entendem que tratar essas questões no campo educacional é fundamental.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a direção da Escola Maria do Carmo Bezerra, aos docentes e estudantes, em especial a professora Edna.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (Org.). Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO, 2004.
ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola: Assujeitamento e resistência à ordem normativa / Luma Nogueira de Andrade. – 2012.
ARAÚJO, Silva Maria de. Sociologia: volume único: ensino médio/ Silvia Maria, Maria Aparecida Bridi, Bnilde Lena. Motim – 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2013.
BRASIL. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.
CARDOSO, R. (Org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa/Clifford Geertz. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes 1997.
FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro. 26.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
_____. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
_____. História da sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.
LIBANEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: Teoria e prática. 5ª ed. 2ª reimp. MF: Goiânia, 2008.
LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
_____.Pedagogias da sexualidade. In:_____. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
_____.Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Organizado por Guacira Lopes Louro, Jane Felipe Neckel, Silvana Vilodre Goellner. Petrópolis- RJ: Vozes, 2003.
_____.Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
_____. Horizonte Antropológicos, Porto Alegre, UFRGS, IFCH, Programa de pós-graduação em Antropologia Social. PPGAS, ano 15, n. 32, 2009.
MACHADO, Igor José de Renó. Sociologia hoje: ensino médio, volume único/Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim, Celso Rocha de Barros. 2 ed. São Paulo; Ática, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? Cad. Pesq., São Paulo, n. 94, p. 58-73, ago. 1995.

SAVIANE, Dermeval. Escola e Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. 5. Reimp-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo ou: por que censurar seu diário de campo? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, PPGAS,UFRGS/IFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Ano 15, n.32. 2009.